

Tropa de choque de Collor já procura novos caminhos

WANDERLEY POZZEMBOM

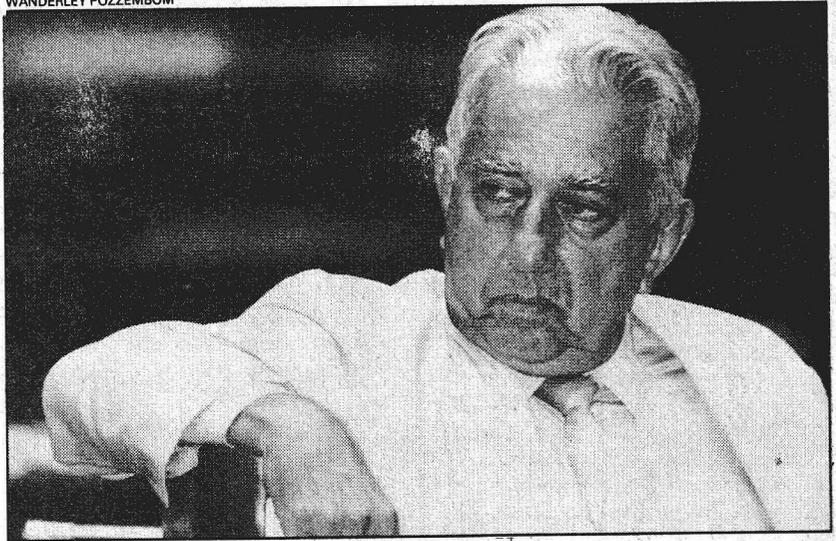
Giselle Chassot

Eles formaram a linha de frente de uma privilegiada elite de políticos que tinha a amizade e o respaldo de um presidente da República — o que constituíam sua principal base de apoio. Hoje, quase um ano após o impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello, alguns de seus amigos mais próximos ainda se dizem fiéis aos despachos na Casa da Dinda. A velha tropa de choque collorida amargou primeiro o fim dos tempos de glória e poder e chega agora ao quase total esquecimento. Da evidência para o ostracismo foi um período muito curto, que boa parte dos generais de Collor não conseguiu absorver.

A tropa de choque, na verdade, foi formada mais por desespero de causa do ex-presidente Collor do que propriamente por amizade. No início, Collor procurou apoio político entre os partidos de centro-esquerda. Afinal, dizia-se um liberal. No fim do governo, baseou todos os contatos com o Congresso por meio dos senadores Áureo Mello (PRN/AM), Ney Maranhão (PRN/PE), Odacir Soares (PFL/RO) e os deputados Roberto Jefferson (PTB/RJ), José Lourenço (PPR/BA) e Humberto Souto (PFL/MG) quando não havia outra alternativa.

Os generais de ontem dizem que ainda frequentam a Casa da Dinda. E se dizem íntimos amigos do ex-presidente. A intimidade é traída facilmente por informações desencontradas sobre o humor e as pretensões políticas do ex-presidente. Para o deputado José Lourenço, Collor hoje é um homem abalado que “não tem mais o sorriso fácil de antigamente”. A definição bate com a de outro amigo fiel, Roberto Jefferson: “Tenho estado com ele toda semana, ele está muito triste e não volta a ser candidato tão cedo”.

Estranhamente, os senadores Áureo Mello e Ney Maranhão, que também garantem que frequentam a Casa da Dinda muito regularmente, têm encontrado um Fernando Collor totalmente diferente do descrito por seus outros amigos: “Ele está atlético, descansado e só espera a solução do processo no Supremo Tribunal Federal para se manifestar”, disse



Ney Maranhão: na Casa da Dinda, esperanças no êxito de Itamar

um sorridente Áureo Mello. E Ney Maranhão vê assim o ex-presidente: “Ele está muito bem e deseja, como estadista, que o presidente Itamar Franco tenha êxito em seu governo”.

Arrependimento — Apesar de esquecidos, os generais de Collor garantem que não se arrependem do apoio ao ex-presidente. O único arrependido declarado é um dos ex-vice-líder do Governo, deputado Gastone Righi (PTB/SP), que descarta, inclusive, a amizade com o ex-comandante: “Não mantenho qualquer contato com ele”, garante. “Nunca fui propriamente amigo do ex-presidente; não sou e nunca cheguei a ser da tropa de choque”, esquivou-se.

Gastone Righi, que se absteve de votar o pedido de impeachment de Collor, disse que só assumiu a vice-liderança do governo porque “o Humberto Souto (PFL/MG, líder do então governo) me pediu”. “Se eu soubesse de terminados dados que acabaram vindo à tona em relação ao comportamento da defesa, não teria aceito”, lamenta-se. E justifica-se: “eu não tinha idéia de coisas como a Operação Uruguai, os cheques fantasmas e isso tudo me abalou muito”.

Righi lembra ainda que, no início do governo Collor, ele foi oposição. “Acabei derrubado da liderança do PTB “pelo próprio Collor”, queixa-se. Quando o PTB decidiu apoiar o Governo, eu fui convidado a ocupar a primeira vice-liderança e aceitei porque se tentava fazer a susten-

tação política do Governo”, disse. Ele reitera que é contra o impeachment. “Ele (Fernando Collor) não fez nada além do que qualquer político de alto calibre faz, quando tem uma receita de campanha muito grande”, explicou. Righi negou, entretanto, que ele próprio tenha se financiado com sobras de campanhas: “deputado mal e mal consegue dinheiro para se eleger”, justificou.

O ex-vice-líder acha que o impeachment foi “um malefício para o País, principalmente porque foi votado antes de um processo em que o presidente fosse condenado. As acusações eram muito genéricas”, disse.

Todos os outros colloridos de última hora garantem que não se arrependem do apoio dado e que isso não lhes causa, hoje, qualquer constrangimento dentro ou fora do Congresso. “Faria tudo outra vez”, repetem, quase da mesma maneira, os deputados José Lourenço, Roberto Jefferson e Humberto Souto.

Itamar — O Governo Itamar Franco divide as opiniões dos amigos de Fernando Collor. Para Áureo Mello e Ney Maranhão, Itamar é “uma continuação do governo Collor”. E explicam: “Ele era nosso vice”. Já Humberto Souto recusa-se a analisar o atual Governo, embora garanta que votou favoravelmente a propostas polêmicas apresentadas pelo Executivo, como a regulamentação do IPMF e a nova política salarial.